

Celebração da Eucaristia de Domingo de Ramos 2022

Catedral de Viana do Castelo

Homilia

Com a celebração da entrada triunfal de Jesus de Nazaré em Jerusalém damos início à Semana Santa na qual entramos e vivemos o mistério pascal do Filho de Deus.

A partir das leituras e sobretudo na longa narração da paixão do Senhor, entrelaça-se a vida da pessoa humana e a vida de Jesus de Nazaré.

Já na narração do profeta Isaias o qual delineia os traços do Messias enquanto o Servo de Javé, o Servo sofredor que reflecte o rosto sofredor de todos os injustiçados, os perseguidos, os espezinhados e os ultrajados pelo ódio e a vingança dos detentores do poder do mundo; culminando no longo percurso da Paixão de Cristo, o qual oferece a clareza e ilumina a quem se referia o profeta Isaias, mas também, Aquele que na Sua Encarnação assumiu toda a tragédia humana e suporta sobre si toda a maldade que reina nos poderes do mundo, somos desafiados a percorrer os passos de Jesus de Nazaré que oferecem o sentido pleno à história da humanidade.

Tal como acontece no final da narração da Paixão na qual nos deparamos com aqueles que tinham crucificado a Jesus de Nazaré a reconhecerem que realmente Ele é o Filho de Deus, também S. Paulo, perante a comunidade cristã de Filipos, oferece o significado pleno do mistério Pascal. Diz ele, que Jesus sendo de condição divina, obedeceu até à morte, mas Deus, o Pai, exaltou-O e manifestou n'Ele toda a divindade.

Neste itinerário estamos também nós, não só em atitude contemplativa mas na expectativa de compreender melhor a nossa condição humana e cristã.

A condição trágica do ser humano só com o olhar colocado em Cristo pode obter significado. Deste modo o refere o Concílio Vaticano II quando diz que «se faltam o fundamento divino e a esperança da vida eterna, a dignidade humana é gravemente lesada, como tantas vezes se verifica nos nossos dias, e os enigmas da vida e da morte, do pecado e da dor, ficam sem solução, o que frequentemente leva os homens ao desespero» (GS, 21).

E, continua o texto conciliar realçando que «entretanto, cada homem permanece para si mesmo um problema insolúvel, apenas confusamente pressentido» (GS, 21). Aliás, «ninguém pode, na verdade, evitar inteiramente esta questão em certos momentos, e sobretudo nos acontecimentos mais importantes da vida» (GS, 21).

Na verdade, «só Deus pode responder plenamente e com toda a certeza, Ele que chama o homem a uma reflexão mais profunda e a uma busca mais humilde» (GS, 21).

De facto, perante a trágica condição humana, «a Igreja sabe perfeitamente que, ao defender a dignidade da vocação do homem, restituindo a esperança àqueles que já deseperam do seu destino sublime, a sua mensagem está de acordo com os desejos mais profundos do coração humano» (GS, 21).

Realmente, «longe de diminuir o homem, a sua mensagem contribui para o seu bem, difundindo luz, vida e liberdade; e, fora dela, nada pode satisfazer o coração humano»; como afirma Santo Agostinho, «fizeste-nos para Ti», Senhor, e o nosso coração está inquieto, enquanto não repousa em Ti» (GS, 21).

Eis porque a Igreja reconhece e proclama que «na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente» (GS, 22).

Somos convidados a entrar neste caminho que Jesus Cristo percorre nas sendas da nossa história comunitária e da sociedade em geral. Não fiquemos à margem, porventura a lamentar-nos seja do que está acontecer à Igreja, Corpo de Cristo presentes na história dos nossos dias, seja ao mundo no qual tantos cidadãos, nosso irmãos são

desprezados, espezinhados, maltratados e injustiçados. Tantos inocentes condenados à morte, à fome, à deportação, ao infortúnio e à exclusão.

Seria muito cómodo ficarmos tão só a lamentarmo-nos, mas não, teremos de ter a coragem de edificarmos comunidades cristãs capazes de fazerem a experiência de vida e de entrega, no Amor, e de testemunharem perante o mundo de hoje, em atitude de serviço, como se deve valorizar o ser humano, qual o seu destino último e sobretudo como edificar uma sociedade digna do ser humano.

Este caminho que é também da razão humana é sobretudo o caminho do Amor que conduz à fraternidade e, por isso, porque é o itinerário que exige a experiência temos o dever de entrar no caminho de Jesus tal como fizeram tantos que estão mencionados no Evangelho que acabámos de escutar.

Como diz S. Paulo, «amou-me e entregou-se por mim» (Gál. 2,20). Na verdade, «sofrendo por nós, não só nos deu exemplo, para que sigamos os seus passos, mas também abriu um novo caminho, em que a vida e a morte são santificados e recebem um novo sentido» (GS, 22).

Deste modo, «o cristão, tornado conforme à imagem do Filho que é o primogénito entre a multidão dos irmãos, recebe “as primícias do Espírito” (Rom. 8,23), que o tornam capaz de cumprir a lei nova do amor» (GS, 22).

De facto, «por meio deste Espírito, “penhor da herança” (Ef. 1,14), o homem todo é renovado interiormente, até à “redenção do corpo” (Rom. 8,23): “Se o Espírito d'Aquele que ressuscitou Jesus de entre os mortos habita em vós, Aquele que ressuscitou Jesus de entre os mortos dará também a vida aos vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que em vós habita” (Rom. 8,11) (29)» (GS, 22).

Enfim, em suma, «é verdade que para o cristão é uma necessidade e um dever lutar contra o mal através de muitas tribulações, e sofrer a morte; mas, associado ao mistério pascal, e configurado à morte de Cristo, vai ao encontro da ressurreição, fortalecido pela esperança» (GS, 22).

S. João Paulo II, perante os desafios deste novo milénio, convida-nos a contemplar o rosto de Cristo. Diz ele que «a contemplação do rosto de Cristo não pode inspirar-se senão àquilo que se diz d'Ele na Sagrada Escritura, que está, do princípio ao fim, permeada pelo seu mistério» (NmI, 17).

É precisamente para contemplar o rosto de Cristo que somos chamados a percorrer o caminho doloroso da Sua paixão para aprendermos d'Ele a verdade acerca da pessoa humana. Dado que «Jesus é o “homem novo” (cf. *Ef* 4,24; *Col* 3,10), que convida a humanidade redimida a participar da sua vida divina»; verdadeiramente, «no mistério da encarnação encontram-se as bases para uma antropologia capaz de ultrapassar os seus próprios limites e contradições, caminhando para o próprio Deus, antes, para a meta da “divinização”, pela inserção em Cristo do homem resgatado, admitido à intimidade da vida trinitária» (NmI, 23).

Refere-nos ainda o Papa S. João Paulo II, que «assim a nossa contemplação do rosto de Cristo trouxe-nos até ao aspecto mais paradoxal do seu mistério, que se manifesta na hora extrema — a hora da Cruz» (NmI, 25). Aliás, «Mistério no mistério, diante do qual o ser humano pode apenas prostrar-se em adoração» (NmI, 25).

«Jamais acabaremos de sondar o abismo deste mistério» (NmI, 25) até nos redescobriremos à luz de Jesus Cristo Ressuscitado fonte de Amor e de Graça que dá o sentido novo a toda a criatura e nos oferece as bases para edificação do ser humano na verdade e na profundidade do seu ser e destino.

Imploramos de Nossa Senhora, Mãe das Dores que percorre o caminho do sofrimento junto do Seu Filho, de S. Bartolomeu dos Mártires, de S. Teotónio e de S. Paulo VI que nos ajudem a entrar no caminho da paixão com coragem e lucidez para iluminarmos a nossa vida pelo Amor divino e projectarmos a graça da salvação junto dos nossos irmãos mais sofredores e excluídos.

Amen.

+João Lavrador, Bispo de Viana do Castelo